

MATRIZes

ISSN 1982-2073

DOSSIÊ:

*Novas Perspectivas em
Teorias da Comunicação*

Jesús Martín-Barbero

Margarida M. Krohling Kunsch

John Sinclair

Raúl Fuentes Navarro

Vera Veiga França

Adriano Duarte Rodrigues e
Adriana Andrade Braga

ENTREVISTA:

Daya Kishan Thussu

Comunicação e *dupla hermenêutica*: convergências entre disciplinas científicas e profissões*

Communication and double hermeneutic: convergences between scientific disciplines and professions

■ RAÚL FUENTES NAVARRO**

Universidad Jesuita de Guadalajara (ITESO), Departamento de Estudios Socioculturales. Universidad de Guadalajara, Departamento de Estudios de la Comunicación Social. Guadalajara (Jalisco), México

RESUMO

Este texto propõe o desenvolvimento de um marco para a identificação heurística dos traços de *autossimilaridade* que permitem definir e distinguir entre si, sem dissociá-las, as estruturas disciplinares (científico-acadêmicas) e as profissionais que têm a comunicação como objeto principal. Este marco articula-se a propostas de analistas da comunicação, a partir da Teoria da Estruturação (Giddens) e seu conceito de *dupla hermenêutica*. O objetivo central da discussão é fortalecer o debate que, a partir da perspectiva acadêmica latino-americana, permita avançar na sistematização das atuais estratégias para consolidar a formação universitária de pesquisadores, as redes de investigação, suas articulações institucionais e seu impacto na esfera pública (nacional e internacional).

Palavras-chave: Comunicação, estruturação, campo acadêmico, profissão, disciplina

ABSTRACT

The main purpose within this text is to propose the development of a heuristic framework for the identification of *self-similarity* traits or features to define and distinguish, within the same logic, disciplinary structures and professional structures referred to communication social practices. This framework should match and adjust itself with the ones proposed by some analysts of the academic field of communication, taking Theory of Structuration (Giddens) and his concept of *double hermeneutics*. The central intention of this argument is to strengthen a debate which, from the perspective of Latin American academia, would progress in the systematization of existing strategies to consolidate the university training of researchers, research networks and institutional linkages (programs, publications, associations) and the impact on the public sphere (national and international).

Keywords: Communication, structuration, academic field, profession, discipline

* Uma primeira versão deste texto foi discutida no XI Congresso da Associação Latino-Americana de Investigadores da Comunicação (ALAIC), em Montevideo, Uruguai, em maio de 2012.

** Doutor em Ciências Sociais, professor e pesquisador do Departamento de Estudios Socioculturales do ITESO e do Departamento de Estudios da Comunicação Social da Universidad de Guadalajara, Guadalajara (Jalisco), México. Membro do Sistema Nacional de Investigadores (Nível III) e da Academia Mexicana de Ciencias. E-mail: raul@iteso.mx

Se os estudos midiáticos e culturais vão transformar-se – de um modo linear para um dialógico; do produtor ao consumidor, da poderosa corporação e da celebridade carismática, a qualquer um entre a população, da representação à produtividade; da oposição estrutural aos sistemas dinâmicos, dos estudos culturais à ciência cultural – sobrarão algo que possamos reconhecer como estudos midiáticos e culturais? (...) Algo que, em meu ponto de vista, os estudos midiáticos e culturais fazem particularmente bem é estudar o processo situado e contextual – tanto informal (em redes auto-organizadas) quanto formal (por meio da agência institucional) – da emergência de ideias em redes mediadas. Como fazer isto numa ampla escala social usando as mais recentes tecnologias da comunicação agora não é apenas uma questão de interesse para os acadêmicos dos meios e da cultura.

Hartley (2012: 3)

O CAMPO DE ESTUDOS da comunicação conserva, em todas as partes e já durante mais de cinco décadas, um persistente e quase constitutivo espírito de autoquestionamento, de autorreflexão, que o mantém em processo de mudança, de *crise*, em seu sentido literal: o *Diccionario de la Real Academia Española*¹, atribui a este termo sete significados:

1. f. Mudança brusca no curso de uma doença, para melhora ou piora do paciente;
2. f. Transformação importante no desenvolvimento de outros processos, sejam de ordem física, sejam históricos ou espirituais;
3. f. Situação de um assunto ou processo quando sua continuação, mudança ou término está em dúvida;
4. f. Momento decisivo de um negócio grave e de consequências importantes;
5. f. Juízo sobre alguma coisa depois da realização de exame detalhado da mesma;
6. f. Escassez, carestia;
7. f. Situação difícil ou complicada.

Na dimensão epistemológica, esta *situação difícil ou complicada* chega a ser, contudo, relativamente bem conhecida em diversos âmbitos das ciências sociais e, inclusive, incorporada como condição central na formulação da nova teoria social (no sentido de ruptura com o consenso ortodoxo), proposta há trinta anos por Anthony Giddens em *A constituição da sociedade* (1984), uma obra em que

o autor buscou combinar, no cerne de uma teoria da estruturação, uma dupla sociologia das estruturas sociais e da ação. O conceito de *estruturação* tem como principal objetivo que percebamos as estruturas sociais a partir do ponto de vista do *movimento* (Corcuff, 2013: 60).

E embora Giddens encare de maneira flexível as relações entre conhecimento cotidiano e conhecimento culto do mundo social, o problema de que as “as teorias das ciências se misturem mais ou menos com as teorias em uso dos atores” (Corcuff, 2013: 62) implica um *vínculo* conceitual e metodológico

1. <<http://lema.rae.es/drae/?val=crisis>>. Acesso em: 21 dez. 2013.

inevitavelmente centrado na comunicação. Este artigo busca problematizar essa articulação teórica, de uma maneira que seja também bastante *prática*.

Em maio de 2012, o professor Larry Gross em seu discurso presidencial na conferência da *International Communication Association* (ICA), propôs “apertar os cintos de segurança e converter a crise em oportunidade” (Gross, 2012: 919), pois o campo da comunicação, assim como o da educação superior, está enfrentando uma crise gerada por mudanças econômicas, políticas e tecnológicas que afetam todos os setores da sociedade. “Devemos por nós mesmos, por nossos estudantes e nossas sociedades enfrentar esses desafios e repensar nossa missão e nossas práticas, de modo que contribuam com soluções” (Gross, 2012: 919). Ainda que suas reflexões refiram-se a sua experiência nos Estados Unidos, algumas de suas preocupações podem ser compartilhadas com o México e a América Latina.

Gross começa indagando se os programas de doutorado que formam os pesquisadores de comunicação deveriam se flexibilizar para que os egressos possam encontrar emprego fora da academia, assunto que parece bastante improvável que avance nos Estados Unidos e muito incipiente no México, em função da irrisória quantidade de títulos de doutor atribuídos por ano. Um segundo tema é a centralidade proposta para as habilidades comunicativas na formação geral universitária, o que vai em direção contrária, aparentemente, à excessiva ênfase na formação para o emprego. Porém, Gross é claro ao ressaltar a importância das duas. Para ele, “os estudos de comunicação podem muito bem reclamar um papel central não apenas na educação básica geral de uma cidadania informada, mas também na compreensão e esclarecimento de muitos dos desafios centrais de nosso mundo em rápida transformação” (Ibid.: 924). Uma terceira ideia é o resgate do cultivo do compromisso social no trabalho acadêmico, porque “os debates sobre a política pública contam hoje nos Estados Unidos com aporte significativo bastante escasso dos pesquisadores da comunicação e, portanto, bastante frequentemente com pouca investigação e dados empíricos socialmente contextualizados e teorizados para informá-los” (Ibid.: 927), situação não muito diferente do que ocorre em qualquer outro país do mundo, e que no México poderia remeter às disputas quanto ao regime jurídico da radiodifusão e das telecomunicações. Por fim, Gross propõe

proteger o ambiente cultural, [que] deveria ser o fundamento de um estudo da comunicação eticamente responsável e comprometido publicamente [pois] assim como o ambiente físico tem sido prejudicado como subproduto da produção industrial, também o ambiente cultural tem sido contaminado como subproduto do efeito cumulativo de nossa imersão em meios motivados e produzidos comercialmente (Gross, 2012: 930).

Para Gross, o novo alfabetismo digital é estratégico para que as universidades possam contribuir educacionalmente para contrabalançar a contaminação cultural, um propósito ético que pode ser uma *Verdade Inconveniente* (título do documentário de Al Gore sobre o aquecimento global).

Em contexto acadêmico coincidente, embora bastante diferente e distante do cenário institucional e cultural do discurso de Gross, o *Primer Coloquio de Comunicación para la Transformación Social*, convocado para comemorar o 40º aniversário da Escola de Ciências da Informação da Universidade Nacional de Córdoba (Argentina), registrou entre seus pontos de partida que

o campo da comunicação é hoje um espaço multi e transdisciplinar de reflexão, reconstrução e busca de caminhos alternativos e emergentes para atingir novos olhares, novos pensamentos, novas formas de vida. É um âmbito de encontros e discussões, de acontecimentos e críticas (PRIMER, 2012).²

Aqui se conecta bastante bem o que, sem ser em absoluto um consenso, é uma posição cada vez mais assumida nos debates científicos internacionais, que são sempre ao mesmo tempo epistemológicos e políticos, segundo Bourdieu (2000: 15). A aceitação de uma multiplicidade de perspectivas, que não se opõem necessariamente entre si, e a dificuldade de articulá-las produtivamente, é uma condição muito comum frente à incerteza e opacidade da mudança social. Thomas Kuhn (1982) já assinalara há décadas que a *tensão essencial* na história da ciência, que produz seu progresso, é a que ocorre entre tradição e mudança.

Um bom exemplo da atualidade destes debates encontra-se no *Informe da UNESCO sobre as Ciências Sociais no Mundo*, de 2010, recentemente traduzido para o espanhol no México, no qual são documentadas e analisadas, com bastante clareza e a partir de diversas perspectivas, “as lacunas do conhecimento” (UNESCO, 2012: 53) na área. Por um lado, em relação à “geografia institucional” (Ibid.), pois “as diferenças de status da investigação em ciências sociais entre regiões e países não poderiam ser maiores” (Ibid.); por outro, quanto à distribuição linguística dos produtos dessa investigação: apesar do espanhol e do português serem, respectivamente, a quarta e quinta línguas mais usadas no mundo (superadas somente pelo inglês, o francês e o alemão) nas revistas indexadas em ciências sociais, de acordo com indicadores da Ulrich e da Thomson-SSCI, a proporção mundial que difundem é mínima, já que no conjunto atingem apenas 0,5 e 5,7 por cento no mundo, conforme os períodos e métodos de aferição (Ibid.: 155).

2. <<http://www.eci.unc.edu.ar/coloquio40/>>. Acesso em: 24 ago. 2012 e 21 dez. 2013.

A *internacionalização desigual* que atinge a região ibero-americana no todo, também se verifica entre os países. Mas na América Latina, de qualquer modo, entre 1970 e 2000 as ciências sociais tiveram um crescimento maior do que qualquer outro campo de conhecimento. Indicadores eloquentes são que 57% dos universitários titulados o foram em ciências sociais durante 2006 e que a educação de nível pós-graduado cresceu particularmente rápido, sobretudo no nível de mestrado, com 42% dos títulos, enquanto o doutorado aumentou somente 14% no mesmo ano (UNESCO, 2012: 61).

Em termos mais gerais, ao analisar as tendências recentes no plano internacional, alguns observadores assumem que as ciências sociais em breve ingressarão numa era *pós-disciplinar*. Essa modalidade de organização acadêmica implica fundamentalmente que a investigação seja planejada, realizada e avaliada em função de “problemas de conhecimento situados” (Ibid.), em vez de premissas e protocolos metodológicos tradicionais, sendo que esses problemas serão necessariamente transformados no processo. Agora, dependendo dos autores, essa mudança pode ser a causa de uma nova integração das ciências sociais e naturais, ou significar que o conhecimento estará cada vez mais dirigido a “comunidades epistêmicas integradas”, cujo interesse seja a solução de problemas locais e contextuais (Ibid.: 197), com o risco, já existente, da *fragmentação*. E nesta perspectiva pós-disciplinar, que se formula talvez a vertente mais interessante do impulso para *abrir as ciências sociais*, os estudos de comunicação aparecem, com naturalidade e dignidade, em muitas descrições e revisões sobre o estado das ciências sociais como referência da atual transformação dos *territórios disciplinares*. É possível ler no *Informe* o conjunto de tensões que esta referência implica.

Os estudos da comunicação (...) têm alguns dos traços de um campo transdisciplinar e interdisciplinar; porém, recentemente têm adquirido muita da parafernália institucional e profissional de uma disciplina acadêmica, incluindo a oferta crescente de cursos universitários, o que resulta num número maior de acadêmicos empregados, departamentos em universidades, novas associações profissionais e conferências. Atualmente, “comunicação” está identificada como uma categoria separada nas bases de dados bibliográficas das ciências sociais, como o SSCI Thomson Reuters, e o número de artigos publicados nesta categoria mostra uma tendência a aumentar. Inclusive isto pode não refletir o número ainda maior de livros publicados anualmente neste campo (Ibid.: 204).

Apesar da força política e econômica utilizada por alguns governos ibero-americanos para impulsionar uma institucionalização *produtiva, vinculada e internacional* da ciência e da educação superior, as tensões organizacionais

continuam sendo uma dimensão central para o desenvolvimento das densamente povoadas ciências sociais. Por isso, uma pergunta metodológica que o próprio *Informe* elabora em relação às *travessias* das fronteiras disciplinares nas ciências sociais poderia ser, talvez, melhor respondida a partir da experiência dos estudos de comunicação: “Como é possível ser fortalecida a formação interdisciplinar, ao mesmo tempo que as disciplinas se fortalecem? Esta pode ser a pergunta prática de amanhã para a investigação em ciências sociais” (UNESCO, 2012: 213).

CONVERGÊNCIAS SOCIOCULTURAIS, DISCURSIVAS E PRÁTICAS

Com bem poucos meses de diferença, entre fins de 2011 e o início de 2012, foram publicados dois livros de autores europeus, amplamente reconhecidos como líderes da reflexão *metacomunicativa* internacional, traçando com generosidade e coerência duas coordenadas similares em *mapas* de orientação a respeito das transformações sofridas pelos sistemas e as práticas de comunicação e os estudos acadêmicos e científicos relacionados. Os dois livros têm objetivos pedagógicos, com milhares de estudantes universitários de *comunicação* como principais destinatários, mas ambos vão além da expectativa de condensar, na forma de *tratado*, os saberes acumulados até o momento sobre os múltiplos e intrincados objetos de conhecimento reconhecidos como *comunicação*. Ambos os autores, com ampla experiência tanto em docência quanto em pesquisa, repensam e reescrevem livros anteriores, ilustrando com clareza a condição contemporânea de reconstrução de saberes sobre a comunicação, de seus marcos de fundamentação, e seus desdobramentos práticos. Os dois autores estão, evidentemente, conscientes de que, mais importante do que respostas, o que mais do nunca é prioritário é o desenvolvimento, rigoroso e criativo, de *perguntas* fundamentais.

O dinamarquês Klaus Bruhn Jensen privilegia uma perspectiva *metodológica* complexa para abordar os desafios da *convergência* entre diversos contextos sociais e culturais, entre *novos* e *velhos* meios, entre comunicação *massiva* e *interpessoal*, entre interações mediadas *em linha* e *fora da linha* [*offline*], entre tradições científico-sociais e humanísticas, entre abordagens metodológicas quantitativas e qualitativas, entre saberes e práticas científicos, profissionais e socioculturais³. Dez anos depois da publicação de sua primeira edição (Jensen,

3. Com relação ao termo *convergência*, empregado sem muita precisão no discurso contemporâneo, é possível recorrer à definição de Henry Jenkins: “palavra que descreve as mudanças tecnológicas, industriais, culturais e sociais nas formas de circulação dos meios no interior de nossa cultura” (Jenkins, 2006: 322-323); *Convergência cultural*, assim, seria “uma rotação na lógica pela qual opera a cultura, enfatizando o fluxo de conteúdos através de diversos canais midiáticos” (Ibid. 323). Com base em conceitos de outros autores (Salaverría, Miller, Fagerjord), Carlos Scolari propõe quatro *dimensões* para a convergência midiática: empresarial, tecnológica, profissional e comunicativa (Scolari, 2008: 103). Num sentido ainda mais interessante, Klaus Bruhn Jensen assinala que a “convergência midiática pode ser entendida como uma migração historicamente em curso de práticas comunicativas que atravessam diversas tecnologias materiais e instituições sociais” (Jensen, 2010: 14-15).

2002), e mais de vinte de seu antecedente inicial (Jensen & Jankowski, 1991), o *Manual* de investigação de Jensen (2012) não apenas atualiza muitas de suas referências, mas reformula conceitualmente suas premissas e métodos de abordagem da história dos estudos de comunicação, inserindo o que foi desenvolvido em outras obras (Jensen, 1995; 2010).

Por sua vez, o catalão Miquel de Moragas ressalta uma chave *teórica* igualmente complexa, ao reformular a partir da base seu projeto de 1981, expondo num livro extensamente difundido (Moragas, 1981) as *Teorias da Comunicação* e trinta anos depois, em outro, as diversas maneiras de *Interpretar a Comunicação*, embora nas duas ocasiões com clara referência às *investigações* e aos *estudos*, respectivamente, “sobre os meios na América e Europa”⁴. Para este autor, agora a prioridade não é

a descrição do objeto (a comunicação), mas sim, mais adequadamente, suas interpretações. A prioridade será a história da investigação, analisando sua evolução, porém, sobretudo, a intertextualidade entre as teorias que se produziram ao longo de mais de meio século de pesquisas (Moragas, 2011: 11).

O objetivo é, dessa maneira, responder, a partir de uma perspectiva socio-cultural, “às grandes mudanças que ocorreram tanto na comunicação quanto em seus estudos” (Ibid.).

Tanto para Jensen quanto para Moragas, e qualquer um que aborde criticamente a *metainvestigação* a partir de uma perspectiva histórica, “os estudos sobre os meios de comunicação – ainda que visões conservadores e de curto prazo pretendam dissimular – sempre foram condicionados pela realidade social e comunicativa do contexto em que se desenvolveram” (Moragas, 2011: 15). Em outras palavras, é indispensável reconhecer como “em cada época histórica, em cada país e em cada região, a investigação recebe demandas sociais diferentes, dependentes de centros de decisão política, econômica e cultural” (Ibid.). Apesar da maioria das histórias do campo da comunicação ter caráter acentuadamente nacional e forte dificuldade de comparação com outras devido a essa característica, ante a presente necessidade de reconhecer as condições *transversais* impostas pelos processos de *internacionalização* (Donsbach, 2008), *mundialização* (Pasquali, 2011) e *globalização* (Zallo, 2011), requer-se seu reconhecimento como *formações discursivas* cuja construção e legitimação provêm de três contextos histórico-sociais:

4. Em meio a um hábito retórico bastante comum entre os acadêmicos espanhóis da comunicação, com respeito ao reconhecimento *histórico* das contribuições da pesquisa latino-americana, a obra de Moragas (2011) se destaca, pois além de dedicar um capítulo muito bem documentado, generoso e crítico a *A investigação sobre a comunicação e cultura na América Latina*, mais extenso do que o dedicado à *Europa Latina*, os autores e aportes latino-americanos são bastante representados também, daí sua pertinência, no restante da obra.

Contextos *intelectuais*, de textos clássicos e correntes, teorias, problemas, métodos e modos de análise; contextos *institucionais*, de universidades e departamentos, organizações profissionais, agências de financiamento, editoras, bibliotecas, bases de dados e esquemas de classificação associados; e contextos *socioculturais*, de conceitos e práticas comuns, mais ou menos profundamente misturados com os sistemas culturais de crenças e hábitos da sociedade em geral (Craig, 2008b: 8-9).

Esta tripla dimensão do campo acadêmico⁵, assumida recentemente em vários termos por pesquisadores de diferentes países (Fuentes, Sánchez y Trejo, 2011; Calhoun, 2011; Löblich & Scheu, 2011; Stanfill, 2012), permite avançar no reconhecimento da constituição dos estudos da comunicação como uma “disciplina prática” (Craig, 1989), na qual as *convergências* e as *conversações* aproximam o estudo acadêmico da própria prática da comunicação e vice-versa.

OS FINS DA COMUNICAÇÃO E DE SEU ESTUDO ACADÊMICO

Em uma concisa e bem documentada síntese do estado do campo de estudos da comunicação incluída na *Enciclopédia Internacional da Comunicação* (Donsbach, 2008), Robert Craig reconstrói as tendências e os principais debates que condicionam o reconhecimento e a organização destes estudos em todo o mundo, e ressalta os componentes inexoráveis de *aplicação social* que os caracterizam, assim como a crescente demanda de intervenções especializadas nas sociedades contemporâneas. E, em termos de uma *perspectiva de futuro*, reconhecendo que os debates não têm gerado acordos sobre se a pesquisa da comunicação deveria tentar estabelecer-se como uma disciplina no mesmo sentido que o são a linguística, a sociologia, ou a economia, ou se já não o é (ao menos nos Estados Unidos), propõe uma fórmula que pode servir de modo adequado, ao menos, para interpretar as principais tendências que estão sendo descritas, e que reforça a reflexão de que os estudos da comunicação são *ao mesmo tempo* um campo e uma disciplina.

5. Desde a primeira metade dos anos 1990, o estudo de Fuentes sobre a estruturação do campo no México estabeleceu três dimensões como contextos relevantes: a *cognitiva*, a *sociocultural* e a *institucional*. Na primeira se incluem “fatores e processos de mudança que afetam a produção, reprodução e circulação de conhecimento sobre a comunicação e as estruturas e fenômenos socioculturais em termos mais amplos, assim como o sentido das atividades e sistemas acadêmicos, científicos, universitários, tanto a partir do ‘exterior’ quanto do ‘interior’ do campo acadêmico da comunicação” (Fuentes, 1998: 48). Na dimensão sociocultural são considerados, por sua vez, “fatores e processos de mudança ocorridos em atividades e sistemas relacionados com as estruturas (nacionais e internacionais) culturais, políticas e econômicas, sujeitas a transformações de amplo alcance nos anos recentes” (Ibid. 48). Finalmente, “a dimensão institucional se refere concreta e especificamente às transformações na qual confluem os fatores ‘cognitivos’ e ‘socioculturais’ tanto no interior do sistema nacional de educação superior quanto nas relações universidade-sociedade” (Ibid. 48).

A questão não é se a comunicação continuará sendo um campo interdisciplinar, pois certamente continuará a ser. A pergunta aberta é se a comunicação pode também ter um núcleo teórico que permita aos pesquisadores da comunicação abordar tópicos interdisciplinares a partir de um ponto de vista disciplinar específico, que aporte real valor ao empreendimento interdisciplinar. A crescente centralidade da *comunicação como tema da cultura global* envolve a disciplina da comunicação em uma “dupla hermenêutica” um processo em que o campo acadêmico deriva muito de sua identidade e de sua coerência do envolvimento profundo e comprometido com a comunicação como uma categoria de prática social, ao mesmo tempo em que contribui à evolução dinâmica dessa mesma categoria cultural, que constitui o objeto central e definidor do estudo da disciplina (Craig, 2008a: 686).

Craig tem desenvolvido amplamente, há mais de vinte anos, sua proposta de considerar o estudo da comunicação como uma “disciplina prática” (Craig, 1989; 1999; 2008b), tomando como base justamente a *dupla hermenêutica* proposta pelo sociólogo britânico Anthony Giddens (1984) para a Teoria da Estruturação, que responde à condição da ciência social de interpretar fatos já interpretados pelos sujeitos sociais e à possibilidade de reintegrar os produtos da investigação nessas mesmas redes de interpretação. No glossário de *A constituição da sociedade*, Giddens definiu assim a *dupla hermenêutica*:

A intersecção de duas redes de significado como parte logicamente necessária da ciência social, o mundo social significativo constituído por atores leigos e as metalinguagens inventadas por cientistas sociais; há uma “oscilação” constante de uma rede para outra envolvida na prática das ciências sociais⁶ (Giddens, 1984: 374).

Nesta sua obra teórica fundamental, Giddens situa no postulado da dupla hermenêutica a condição essencial para que toda ciência social seja inerentemente crítica:

a formulação da teoria crítica não é uma *opção*; as teorias e descobertas nas ciências sociais são suscetíveis de ter consequências práticas (e políticas) independentemente de o observador sociológico ou estrategista político decidir que elas podem ou não ser “aplicadas” a uma dada questão prática (Giddens, 1984: xxxv).

Da mesma maneira, a *dupla hermenêutica* identifica a investigação social como uma prática sociocultural e comunicacional:

6. Esta e as demais citações da obra referenciada pelo autor são transcrições da tradução da edição brasileira, feita por Álvaro Cabral, do livro de Giddens (*A constituição da sociedade*, São Paulo: Martins Fontes, 2003, 2. ed.) (N. do T.).

Os conceitos que observadores sociológicos inventam são conceitos de “segunda ordem”, na medida em que pressupõem certas capacidades conceptuais por parte dos atores a cuja conduta eles se referem. Mas está na natureza da ciência social que eles podem tornar-se de “primeira ordem” se forem reservados à própria vida social. O que há de “hermenêutico” na dupla hermenêutica? A propriedade do termo deriva do duplo processo de tradução ou interpretação que está envolvido. As descrições sociológicas têm a tarefa de mediar as redes de significado dentro das quais os atores orientam sua conduta. Mas tais descrições são categorias interpretativas que pedem também um esforço de tradução dentro e fora das redes de significado envolvidas em teorias sociológicas. (...)

O cientista social é um comunicador, apresentando redes de significado associadas com certos contextos de vida social àqueles que estão em outros. Assim, as ciências sociais apoiam-se nas mesmas fontes de descrição (conhecimento mútuo) dos romancistas ou outros que escrevem relatos ficcionais da vida social (Giddens, 1984: 284-285).

Embora as perspectivas para analisar e traçar a articulação dos estudos acadêmicos sobre a comunicação em termos de *campo* e de *disciplina* possam ser *epistemológicas* nos, até agora intermináveis, debates a respeito do tema, há também fortes componentes *sociológicos* em jogo, indispensáveis para problematizar e historicizar os processos de institucionalização destes estudos, na tríplice dimensão já destacada. O aporte teórico de Giddens não tem por que continuar a ser menosprezado ou subutilizado, como muitas vezes o é. Na interpretação de Craig,

O caráter específico da Comunicação como disciplina pode ser compreendido em termos de sua contribuição ao conhecimento de certas tradições intelectuais, suas mutáveis formas institucionais e sua relevância para a “comunicação” entendida como uma categoria socioculturalmente constituída de problemas e de práticas, porém o terceiro destes fatores – o contexto sociocultural da disciplinaridade – tem, conforme defendo, um papel primordial. A Comunicação como uma disciplina prática foi construída (inclusive quanto reflexivamente se reconstrói) a partir do fundamento da comunicação como uma categoria cada vez mais central nas sociedades modernas e na cultura global (Craig, 2008b: 9).

É possível encontrar cada vez mais coincidências com esta postura em autores de outras latitudes⁷, como Jensen, que desde a edição de 2002 do *Manual...*

7. E também na obra recente de líderes do pensamento sociológico internacional como o estadunidense Craig Calhoun (2011), presidente do Social Science Research Council; o português Boaventura de Sousa Santos e sua *Epistemologia do Sul* (2009), base de uma *Sociologia das ausências e uma sociologia de emergências*; ou o francês Michel Wieviorka (2011), presidente da Associação Internacional de Sociologia. No *Informe sobre as ciências sociais no mundo*, publicado originalmente pela UNESCO em 2010 (UNESCO, 2012), os *Estudos da Comunicação* aparecem

trazia argumentos confluentes, ao defender a passagem de um modelo de comunicação centrado no *intercâmbio de mensagens*, e de outro, irreconciliável com este, de *comunicação como ritual* (Carey, 1989), a um modelo de *níveis*, que bem poderiam ser chamados socioculturais, para integrar os meios tecnológicos contemporâneos não apenas com a produção de sentido, mas também com a estruturação da sociedade:

A questão fundamental para o campo (...) é a diferença produzida pelos meios, não apenas em termos de seus “efeitos” sobre as audiências, mas para o resto da estrutura social e para a agência humana, a cultura e a comunicação. Este livro considera como traço distintivo dos meios a produção e circulação de sentido nas sociedades modernas, o que permite a reflexividade coletiva e a ação coordenada numa escala sem precedentes. Isto implica que os próprios meios ocupam o centro de interesse no campo – sua identidade – em um sentido metodológico. O fato de que os meios sejam ao mesmo tempo negócios, formas estéticas e recursos culturais tem interesse teórico e empírico básico na medida em que esses traços conformam a produção mediada de sentido. Justamente pela complexidade dos meios como objetos de análise, o campo deve contar com uma variedade de enfoques teóricos, disciplinares, assim como interdisciplinares, levando em consideração a grande margem de fatores explicativos que convergem em seu centro (Jensen, 2002: 9).

A *metodologia* adquire, assim, um potencial explicativo até então escasso no campo acadêmico e, ao mesmo tempo, proporciona uma plataforma, tão sólida como podem ser os constructos científicos, para a convergência e a superação de algumas das dicotomias que fragmentaram o campo desde suas origens (Fuentes e Vidales, 2011). Embora seja a institucionalidade, e não a argumentação intelectual, o espaço social onde se articulam o poder e o saber, esta perspectiva estimula uma discussão bastante pertinente, que, por meio de sua formulação *política*, pode ter muito sentido na América Latina, pois, para Jensen, “o direcionamento para a ação é algo que a pesquisa compartilha com a comunicação” (Jensen, 2002: 293) e tal articulação é constitutiva das tradições latino-americanas (Moragas, 2011: 182-189).

Diretamente associado, como editor da área de teoria e filosofia da comunicação, ao projeto da *Enciclopédia Internacional da Comunicação*⁸, Jensen matizou e refinou seus enfoques anteriores (centrados na Semiótica e no

digna e pertinentemente incluídos entre os *territórios disciplinares* em processos complexos de *interdisciplinarização*, como já destacado neste artigo.

8. Projeto no qual Robert Craig é editor-conselheiro e também editor da área de estudos de comunicação como campo e disciplina [<<http://www.communicationencyclopedia.com/public/editors>>], site web consultado em março de 2012 e em dezembro de 2013.

Pragmaticismo de Peirce), recuperando aportes múltiplos provenientes de diversos campos acadêmicos, ao redor de três problemas: a comunicação como conceito, os meios como suportes materiais, como instâncias significativas e como instituições sócio-históricas; e a investigação da comunicação como prática social (Jensen, 2010; 2012). Embora seja óbvio, e além disso plenamente consistente com a própria abordagem, que as contribuições desta como de muitas outras obras à *compreensão dos meios*, da comunicação e das sociedades contemporâneas irão depender substancialmente de sua circulação, apropriação crítica e utilidade prática nas diversas *comunidades interpretativas* aos quais se dirige, o sentido de futuro que apresenta pode ser compartilhado:

A investigação dos meios e da comunicação tem uma contribuição a dar, sobretudo por meio da dupla hermenêutica. O campo poderia e deveria unificar-se mais em seus objetivos de descrever, interpretar e explicar a comunicação, seus problemas, mas também seus potenciais, embora apenas em última instância. Ao reenquadrar a atenção sobre o fim da comunicação como o início de outra interação social, o campo pode tornar-se mais coerente; também pode tornar-se mais relevante e útil para outros campos de teoria e de prática. A comunicação não é nem um sonho nem um pesadelo, mas uma prática no mundo real: um recurso único para produzir e confrontar conhecimento humano, antes de traduzi-lo em ação social (Jensen, 2010: 165).

A principal implicação é a constituição, a partir da comunicação (entendida como produção social de sentido), dos pesquisadores em *agentes* sociais, capazes de influir nos sistemas e processos mais diversificados nos quais os sujeitos sociais interagem entre si e com as estruturas culturais e institucionais. Entretanto, obviamente, é necessário destacar que tal agência transcende aos indivíduos, e que a *comunicação* não supõe necessariamente o consenso:

A agência humana não é a manifestação de um livre-arbítrio individual, nem a estrutura um conjunto de condicionamentos externos às ações dos indivíduos. Ao contrário, as sociedades são estruturadas por, e simultaneamente estruturam, as incontáveis interações nas quais os indivíduos, os grupos e as instituições se envolvem incessantemente. Os sujeitos e os sistemas sociais – agência e estrutura – são as condições que possibilitam uma à outra (Jensen, 2012: 200).

Se a comunicação pode, para fins práticos, ser considerada *central* na compreensão e determinação do futuro social, é porque se constitui em um *meio*, em um recurso coletivo, para a coordenação de ações *metodologicamente* regradas (e, portanto, reversíveis), para a realização de determinados *fins*. O debate sobre os fins não pode ser esquecido, ao menos na academia.

A AUTOSSIMILARIDADE DAS ESTRUTURAS PROFISSIONAIS E DAS DISCIPLINARES

Sem grande dificuldade pôde-se observar nas seções anteriores que Craig e Jensen compartilham linhas de pensamento e prática acadêmica, assim como referências comuns, em torno do projeto de institucionalização *internacional* dos estudos de comunicação coordenado na última década por Wolfgang Donsbach, a partir da *International Communication Association* e da *Enciclopédia Internacional da Comunicação*. É possível percebê-los como membros de uma *comunidade interpretativa* com fortes impulsos hegemônicos no campo da *meta-investigação* da comunicação. Pelo menos, sua recorrência quanto ao modelo da *dupla hermenêutica* de Giddens para elaborar a ideia de comunicação como prática⁹, os aproxima (sem *convertê-los* em sociólogos) e estimula a reflexão sobre um aspecto pouco analisado nas histórias da constituição do campo: a *estruturação* da comunicação como profissão (ou profissões). Jensen expõe com clareza a implicação de que “toda prática humana e social é informada por ‘teorias’” (Jensen, 2012: 351), entendidas como “concepções generalizantes de como o mundo é e como nos envolvemos nele, individual e coletivamente” (Ibid.), do que deriva uma classificação de cinco tipos de teoria, tomada de McQuail: *científica, cultural, normativa, operacional e cotidiana*.

Um denominador comum dos cinco tipos de teoria é que possibilitam a ação – na pesquisa, na produção, nas políticas, na educação e no debate público sobre os meios. As inter-relações entre os cinco tipos são de especial interesse no campo que se desenvolveu, de importantes modos, como uma disciplina prática, que se compreende a si mesma como solucionadora de problemas de comunicação. Enquanto tal, a investigação da comunicação tem a oportunidade de afetar o jornalismo e a produção em outros meios (teoria operacional), assim como os programas educativos que defendem a alfabetização midiática (teoria comum) (Ibid.: 353).

Muitas das histórias do campo acadêmico da comunicação têm assinalado que, mais do que as tradições intelectuais ou as instituições científicas, são as *profissões* comunicativas a origem primordial de sua constituição, em países e épocas diversas. A partir das histórias do jornalismo (dos quais o próprios

9. Na edição de 2012 do *Manual...*, Jensen mantém a crítica a Giddens já desenvolvida no seu livro de 1995, em termos de que “a comunicação permanece como uma conexão perdida [*missing link*] na dupla hermenêutica de Giddens: as reinterpretações da sociedade – realizadas por acadêmicos e (outros) atores sociais – ocorrem e têm efeito na comunicação” (Jensen, 2012: 200). A partir do modelo triádico que continua utilizando, Jensen defende que “os meios devem estar ao lado da agência e da estrutura para compreender a cultura e a sociedade. A comunicação medeia entre a estrutura e a agência” (Ibid.: 200). Desta perspectiva, a “dualidade da estrutura” de Giddens equivale conceitualmente, para Jensen, à “dualidade da comunicação” (Ibid.: 201), pois “a comunicação configura a sociedade. A comunicação também prefigura a sociedade, enfocando o que é, o que (ainda) não é, o que poderá ser, e o que deve ser feito” (Jensen, 2010: 5).

Marx e Weber são considerados pioneiros), desenvolveram-se diversas tradições de pesquisa sobre as *ocupações e profissões* relacionadas aos meios, entre elas é possível destacar o trabalho de várias décadas do sociólogo britânico Jeremy Tunstall (1971; 1993; 2000; Tunstall & Palmer, 1991). As tentativas de classificação dos postos e níveis de trabalho bastante diferentes e fragmentados nos meios, ao mesmo tempo em número e influência crescentes, são particularmente difíceis de consolidar.

Conforme os meios massivos foram se expandindo, o mesmo ocorreu nas ocupações midiáticas e elas têm se tornado mais centrais nas sociedades modernas. Em todo o mundo centenas de milhares de universitários recém-graduados querem se tornar jornalistas, produtores de televisão, atores, fotógrafos, programadores de rádio, cineastas ou publicitários. Novas ocupações midiáticas estão emergindo da internet e outros novos serviços digitais. Porém, as indústrias midiáticas e as ocupações que as abrigam são também extremamente variadas, fragmentadas e subpadronizadas. Esta fragmentação existe em profissões diferentes (... mas) também há uma grande variedade *dentro* dessas “ocupações”; e há grandes diferenças entre países distintos (Tunstall, 2000: 1).

Apesar do trabalho realizado nestas e em outras abordagens, o panorama de diversificação das ocupações do *setor* midiático tornou-se mais complexo e difícil de sistematizar nas últimas décadas, e as mudanças relacionadas ao desenvolvimento tecnológico são ainda muito difíceis de identificar e classificar (O'Donnell, 2008). Por isso, possuem grande interesse os enfoques que não apenas buscam relacionar essas mudanças com as transformações propriamente acadêmicas¹⁰, mas também os que fazem isso a partir de uma perspectiva histórico-social de maior alcance. Um exemplo útil está na obra *Hipermediaciones* (2008) de Carlos Scolari, que reconhece, todavia, que nas dimensões *profissional e comunicativa* da *convergência midiática* existem processos definidos de

10. No México, o *Catálogo de Codificación de Carreras* da *Encuesta Nacional de Ocupación y Empleo*, inclui sob o rótulo 373, como parte das ciências sociais, cinquenta diferentes denominações de carreira de ciências da comunicação (vide Anexo). Porém, as categorias para classificar as *ocupações* reconhecidas como associadas às *carreiras* da comunicação não são tão variadas nem tão homogêneas: o grupo unitário 1167, “Profissionais em ciência da comunicação” inclui os trabalhadores que “aplicam seu conhecimento e técnicas em processos de comunicação coletiva através da informação publicitária, propaganda, etcétera” embora “sejam excluídos os trabalhadores que tenham como ocupação principal o jornalismo, já classificado no grupo unitário 1401”. Este, por sua vez, inclui aqueles que “coletam, redigem e comentam informação sobre acontecimentos, eventos e ocorrências de qualquer tipo para sua difusão em jornais, revistas, rádio ou televisão. Classifica também aqueles que revisam os originais de livros, artigos, ensaios, etc. Para determinar sua possibilidade de publicação, tipo de mercado a que irão ser dirigidos, etc.; coordenam e supervisionam os trabalhos de edição de material numa editora. Compreende também aqueles que traduzem, revisam ou redigem diversos trabalhos literários, de acordo com o estilo e formato estabelecidos para sua publicação em uma companhia editorial. Incluem-se os repórteres gráficos que captam notícias ou eventos de interesse informativo para publicação em jornais, revistas e livros” (INEGI, 2009: 24-25, 50). Outras ocupações relacionadas com a comunicação são classificadas sob as artes ou então sob a administração.

modo incipiente e, aparentemente, tão contraditórios quanto os relacionados às dimensões *empresarial e tecnológica*:

O que está ocorrendo nas redações dos meios informativos é representativo das transformações sofridas por toda a indústria cultural. O desaparecimento de figuras profissionais tradicionais, o surgimento de perfis polivalentes, o desenvolvimento de novas rotinas produtivas e a arrogante introdução de tecnologias nas redações são apenas alguns dos elementos que marcam a nova paisagem profissional (Scolari, 2008: 102).

Porém, é claro que “na última década os processos de produção comunicativa incorporaram novos perfis profissionais e, ao mesmo tempo, redesenharam as funções dos papéis tradicionais” (Ibid.: 286). Também, de maneira cada vez mais ampla, muitos dos processos de *comunicação social* que sempre haviam sido mediados por comunicadores profissionais ou, pelo menos, especialistas nesta operação (em correspondência ou não com ocupações formalmente reconhecidas e remuneradas), passaram ao *domínio* dos cidadãos comuns (Waisbord, 2013). A *autocomunicação de massa* que Castells descreve em *Communication Power* (2009), e os desafios da “condição comunicacional contemporânea” (Orozco, 2011) que estão sendo assumidos a partir dos *estudos de recepção*, encontram-se provavelmente no *quarto grau* dos meios e da comunicação, na perspectiva de Jensen (2010; 2012).

Já em sua obra de 2010, Jensen havia proposto uma *virada* nos estudos de meios em direção à comunicação, do que derivaria uma primeira abordagem aos meios de *primeiro grau* (baseados no corpo humano), de *segundo grau* (baseados em tecnologias analógicas de difusão) e de *terceiro grau* (baseados em tecnologias digitais e interativas). Para seu livro de 2012, o autor refina estas categorias e sugere o *quarto grau*, para cobrir o que se chama hoje “computação ubíqua”, “realidade virtual” ou “interfaces orgânicas de usuário” (Jensen, 2012: 8-9), e que exigiria um aprofundamento ainda mais radical das categorias básicas com que entendemos não apenas a informação ou a comunicação, mas a sociedade, o conhecimento e a realidade.

Entretanto, quanto mais se avança nestas considerações, e se enfatiza a capacidade de *agência* comunicacionalmente mediada, mais nubladas se tornam algumas das dimensões básicas da comunicação como profissão, e o que classicamente esta categoria tem permitido questionar, especialmente a *responsabilidade social*¹¹. Um sociólogo estadunidense expôs em três de seus

11. De acordo com a pesquisadora chilena Claudia Mellado, “nos circuitos acadêmicos latino-americanos, a discussão sobre como o jornalismo e a investigação da comunicação têm se alterado não parece ser uma prioridade, como mostra a ausência de estudos transnacionais e meta-análises sistemáticas. De fato, a ausência destas análises impede a descoberta de características comuns aos estudos de comunicação e jornalismo nos países latino-americanos” (2012: 413). Seu

livros uma combinação de contribuições que bem poderiam ser reexploradas. De um lado, a *heurística*:

A ciência é uma conversação entre o rigor e a imaginação. O que uma propõe, o outro avalia. Cada avaliação leva a novas propostas, e assim sucessivamente, de modo contínuo. (...) Os cientistas sociais usam [como no xadrez] gambitos imaginativos, movimentos mentais utilizados para provocar o descobrimento. Esses movimentos mentais são fórmulas para abrir, desenvolver e realizar possibilidades. Alguns são movimentos gerais implícitos na natureza da argumentação e da descrição, enquanto que outros emergem dos assuntos conceituais impregnados nas disciplinas. Estas aberturas trabalham sem qualquer tipo de método. Constituem a heurística da ciência social, o meio pelo qual a ciência social descobre novas ideias (Abbott, 2004: 3-4).

Por outro lado, há a hipótese de que, embora as disciplinas e as profissões sejam realidades sociais muito diferentes entre si, ambas podem ser analisadas como *campos sociais de interação*, conceito próximo dos aportes de Pierre Bourdieu e outros autores. Se tanto as disciplinas (Abbott, 2001) quanto as profissões (Abbott, 1988) estabelecem pautas de referência sobre seus objetos de especialização e valores compartilhados (isto é, os fins ou os *para que* sociais aos quais respondem quanto ao desenvolvimento de culturas e identidades especializadas), para ambas as categorias, entendidas como *campos*, são essenciais os processos de formação do *habitus*. E, seguindo a sugestão metodológica do próprio Abbott, poderiam ser reconstruídos os processos empíricos de mudança nestas estruturas, por meio de uma abordagem *internalista*, sob a forma de distinções fractais em um padrão cultural de *autossimilaridade* (Abbott, 2001: 3-33). Esta é uma pista que pode ter muitas consequências. Vale a pena segui-la, para consolidar com rigor um método imaginado de abordagem comunicacional à estruturação. Por sua vez, Robert Craig prefere a analogia da conversação. Em uma entrevista recente, diante da pergunta se via avanços de algum tipo na teoria da comunicação, e de qualquer modo até onde existe *progresso* num campo tão desarticulado, responde com uma argumentação que, por sua abertura, pode muito bem ser citada para o *fechamento* deste trabalho:

diagnóstico e argumentação avançam para a construção das bases deste debate, tanto na América Latina (Mellado, 2009, 2010a, 2010b), quanto no plano internacional, no qual também são encontrados questionamentos similares não apenas relacionados ao jornalismo (Waisbord, 2013; Weaver, 2008; Weaver & Willnat, 2012), mas também a outras especialidades da profissionalização (e desprofissionalização) da comunicação (Dumwright, 2014), como as relações públicas (Signitzer & Prexl, 2007) ou a comunicação política (Negrine, 2008).

A questão do que é um progresso é difícil de responder na generalidade. Noções diferentes de teoria correspondem a noções muito diferentes do que significa “progredir”. Penso no “progresso” em termos de um modo de conversação ou de diálogo. O campo avança da mesma maneira que uma conversação progride, o que não significa necessariamente que esteja se dirigindo até algum ponto ou ideal. Ao entrarem novas vozes na conversação, ao dizer-se coisas que são respondidas, a conversação se desenvolve e acumula uma história compartilhada, que se converte num ponto de referência (Boromisza-Habashi, 2013: 421). **M**

REFERÊNCIAS

- ABBOTT, Andrew. *The System of Professions. An essay on the division of Expert Labor*. Chicago & London: The University of Chicago Press, 1988.
- . *Chaos of Disciplines*. Chicago & London: The University of Chicago Press, 2001.
- . *Methods of discovery: heuristics for the social sciences*. New York: W.W. Norton & Co., 2004.
- BOROMISZA-HABASHI, David. Which Way Is Forward in Communication Theorizing? An Interview With Robert T. Craig. *Communication Theory*, v. 23, p. 417-432, 2013. DOI: <http://dx.doi.org/10.1111/comt.12025>
- BOURDIEU, Pierre. El campo científico. In: *Los usos sociales de la ciencia*. Buenos Aires: Nueva Visión, 2000 [1976]. p. 11-57.
- CALHOUN, Craig. Communication as Social Science (And More). *International Journal of Communication*, v. 5, p. 1479-1496, 2011. Disponível em: <<http://ijoc.org/index.php/ijoc/article/view/1331/622>>. Acesso em: 31 dez. 2013.
- CAREY, James W. *Communication as Culture. Essays on Media and Society*. New York & London: Routledge, 1989.
- CASTELLS, Manuel. *Communication Power*. Oxford/New York: Oxford University Press, 2009.
- CORCUFF, Philippe. *Las nuevas sociologías. Principales Corrientes y debates, 1980-2010*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno editors, 2013.
- CRAIG, Robert T. Communication as a practical discipline. In: DERVIN, Brenda; GROSSBERG, Larry; O'KEEFFE, Barbara & WARTELLA, Ellen A. (eds.). *Rethinking Communication. Volume I: Paradigm Issues*. Newbury Park, CA: Sage, 1989. p. 97-122.
- . Communication Theory as a Field. *Communication Theory*, v. 9, p. 119-161, 1999. DOI: <http://dx.doi.org/10.1111/j.1468-2885.1999.tb00355.x>
- . Communication as a field and discipline. In: *The International Encyclopedia of Communication*, Vol. II, New York: Blackwell, p. 675-688, 2008a.
- . Communication in the conversation of disciplines. *Russian Journal of Communication*, v. 1, n. 1, p. 7-23, 2008b.

- DONSBACH, Wolfgang (ed.). *The International Encyclopedia of Communication* (12 vols.). New York: Blackwell, 2008.
- DRUMWRIGHT, Minette (ed.). *Ethical Issues in Communication Professions: New Agendas in Communication*. College of Communication: The University of Texas at Austin, 2014.
- FUENTES NAVARRO, Raúl. *La emergencia de un campo académico. Continuidad utópica y estructuración científica de la investigación de la comunicación en México*. Guadalajara: ITESO/Universidad de Guadalajara, 1998.
- FUENTES NAVARRO, Raúl; TREJO DELARBRE, Raúl e SÁNCHEZ RUIZ, Enrique E. *Qué pasa con el estudio de los medios. Diálogo con las ciencias sociales en Iberoamérica*. Zamora (Espanha): Comunicación Social, ediciones y publicaciones, 2011.
- FUENTES NAVARRO, Raúl e VIDALES GONZÁLES, Carlos E. *Fundaciones y Fundamentos del Estudio de la Comunicación*. Monterrey: CAEIP, 2011.
- GIDDENS, Anthony. *The Constitution of Society. Outline of the Theory of Structuration*. Berkeley/Los Angeles: University of California Press, 1984.
- . *A constituição da sociedade*. Tradução Álvaro Cabral. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- GROSS, Larry. Fastening Our Seatbelts: Turning Crisis into Opportunity. *Journal of Communication*, v. 62, p. 919-931, 2012. DOI: <http://dx.doi.org/10.1111/j.1460-2466.2012.01679.x>
- HARTLEY, John, *Digital Futures for Cultural and Media Studies*. UK: Wiley-Blackwell, 2012.
- INEGI, *Catálogo de Clasificación de Carreras. Encuesta Nacional de Ocupación y Empleo*. Aguascalientes: Instituto Nacional de Estadística, Geografía e Informática, 2005.
- . *Clasificación Mexicana de Ocupaciones (CMO). Encuesta Nacional de Ocupación y Empleo*. Aguascalientes: Instituto Nacional de Estadística, Geografía e Informática, 2009.
- JENKINS, Henry. *Convergence Culture. Where Old and New Media Collide*. New York & London: New York University Press, 2006.
- JENSEN, Klaus Bruhn. *The Social Semiotics of Mass Communication*. London: Sage, 1995.
- . *Media Convergence: the Three Degrees of Network, Mass, and Interpersonal Communication*. London & New York: Routledge, 2010.
- . (ed.). *A Handbook of Media and Communication Research. Qualitative and Quantitative Methodologies*. London & New York: Routledge, 2002.
- . (ed.). *A Handbook of Media and Communication Research. Qualitative and Quantitative Methodologies. (Second Edition)*. London & New York: Routledge, 2012.

- JENSEN, K. B. e JANKOWSKI, N. W. (eds.). *A Handbook of Qualitative Methodologies for Mass Communication Research*. London: Routledge, 1991.
- KUHN, Thomas S. *La tensión esencial, estudios selectos sobre la tradición y el cambio en el ámbito de la ciencia*. México: CONACYT/Fondo de Cultura Económica, 1982.
- LÖBLICH, Maria e SCHEU, Andreas Mattheus. Writing the History of Communication Studies: A Sociology of Science Approach. *Communication Theory*, v. 21, p. 1-22, 2011. DOI: <http://dx.doi.org/10.1111/j.1468-2885.2010.01373.x>
- MELLADO, Claudia. Periodismo en Latinoamérica: revisión histórica y propuesta de un modelo de análisis. *Comunicar*, v. 16, n. 33, p. 193-201, 2009. DOI: <http://dx.doi.org/10.3916/c33-2009-01-011>
- . La voz de la academia: reflexiones sobre periodismo y comunicación. *Signo y Pensamiento*, v. XXIX, n. 56, p. 274-287, 2010a.
- . Examining Professional and Academic Culture in Chilean Journalism and Mass Communication Education. *Journalism Studies* 2010, iFirst Article, 1-17, 2010b. DOI: <http://dx.doi.org/10.1080/1461670X.2010.507373>
- . Major trends of journalist studies in Latin America. A meta-analysis of five decades of research. In: WEAVER, David Hugh e WILLNAT, Lars (eds.). *The Global Journalist in the 21st Century*. New York: Routledge, 2012. p. 413-426.
- MORAGAS i SPÀ, Miquel de. *Teorías de la Comunicación. Investigaciones sobre Medios en América y Europa*. Barcelona: Gustavo Gili, 1981.
- . *Interpretar la Comunicación. Estudios sobre medios en América y Europa*. Barcelona, Gedisa (Comunicación), 2011.
- NEGRINE, Ralph. *The Transformation of Political Communication. Continuities and Changes in Media and Politics*. London: Palgrave MacMillan, 2008.
- O'DONNELL, Penny. Communication Professions and Academic Research. In: *The International Encyclopedia of Communication*. New York: Blackwell, 2008.
- OROZCO GÓMEZ, Guillermo. La condición comunicacional contemporánea. Desafíos latinoamericanos de la investigación de las interacciones en la sociedad red. In: JACKS, Nilda (coord.). *Análisis de recepción en América Latina. Un recuento histórico con perspectivas al futuro*. Quito: CIESPAL, 2011. p. 377-408.
- PASQUALI, Antonio. *La Comunicación-Mundo. Releer un mundo transfigurado por las comunicaciones*. Zamora (Espanha): Comunicación Social, ediciones y publicaciones, 2011.
- PRIMER Coloquio de Comunicación para la Transformación Social. Comunicación para la Transformación Social. Escuela de Ciencias de la Información (ECI), 7 mayo, 2012. Disponible em: < <http://www.eci.unc.edu.ar/coloquio40/>>.
- SANTOS, Boaventura de Souza. *Una epistemología del sur: la reinención del conocimiento y la emancipación social*. México: Siglo Veintiuno/CLACSO, 2009.
- SCOLARI, Carlos. *Hipermediaciones. Elementos para una Teoría de la Comunicación*

- Digital Interactiva*. Barcelona: Gedisa (Cibercultura), 2008.
- SIGNITZER, Benno e PREXL, Anja. Corporate sustainability communications: aspects of theory and professionalization. *Journal of Public Relations Research*, v. 20, n. 1, p. 1-19, 2007. DOI: <http://dx.doi.org/10.1080/10627260701726996>
- STANFILL, Mel. Finding Birds of a Feather: Multiple Memberships and Diversity without Divisiveness in Communication Research. *Communication Theory*, v. 22, p.1-24, 2012. DOI: <http://dx.doi.org/10.1111/j.1468-2885.2011.01395.x>
- TUNSTALL, Jeremy. *Journalists at Work*. London: Constable, 1971.
- TUNSTALL, Jeremy e PALMER, M. B. *Media Moguls*. London: Routledge, 1991.
- TUNSTALL, Jeremy. *Television Producers*. London, Routledge, 1993.
- . (ed.). *Media Occupations and Professions: A Reader*. Oxford & New York: Oxford University Press, 2000.
- UNESCO. *Informe sobre las Ciencias Sociales en el Mundo (2010). Las brechas del conocimiento*. México: UNESCO/ISSC/Foro Consultivo Científico y Tecnológico/ COMECOS, 2012.
- WAISBORD, Silvio. *Reinventing Professionalism: Journalism and News in Global Perspective*. Cambridge: Polity Press, 2013.
- WEAVER, David Hugh. *Global Journalism Research: theories, methods, findings, future*. New York: Blackwell, 2008.
- WEAVER, David Hugh e WILLNAT, Lars (eds.). *The Global Journalist in the 21st Century*. New York: Routledge, 2012.
- WIEVIORKA, Michel. *Una Sociología para el Siglo XXI*. Barcelona: UOC ediciones, 2011.
- ZALLO, Ramón. *Estructuras de la Comunicación y de la Cultura. Políticas para la era digital*. Barcelona: Gedisa (Comunicación), 2011.

Artigo recebido em 14 de julho de 2014 e aprovado em 12 de setembro de 2014.

ANEXO: Carreiras de ciências da comunicação no *Catálogo de Codificación de Carreras da Encuesta Nacional de Ocupación y Empleo* (INEGI, 2005: 88)

3731 ciências da comunicação;
3731 ciências da informação e comunicação;
3731 ciências e técnicas da informação;
3731 comunicação;
3731 comunicação audiovisual;
3731 comunicação e imagem corporativa;
3731 comunicação e informação;
3731 comunicação e inovação educativa;
3731 comunicação educativa;
3731 comunicação em jornalismo;
3731 comunicação em desportos;
3731 comunicação em cinema;
3731 comunicação em criatividade;
3731 comunicação em letras;
3731 comunicação em meios massivos;
3731 comunicação em técnicas de mercado;
3731 comunicação em jornalismo;
3731 comunicação em publicidade;
3731 comunicação em publicidade e propaganda;
3731 comunicação em publicidade e relações públicas;
3731 comunicação em rádio;
3731 comunicação em relações públicas;
3731 comunicação em televisão;
3731 comunicação gráfica;
3731 comunicação gráfica em desenvolvimento;
3731 comunicação humana;
3731 comunicação institucional;
3731 comunicação multimídia;
3731 comunicação organizacional;
3731 comunicação organizacional e relações públicas;
3731 comunicação rural;
3731 comunicação social;
3731 comunicação social em jornalismo;
3731 comunicação social em publicidade;
3731 comunicação social e relações públicas;
3731 comunicação turística;
3731 comunicação visual;

D

Comunicação e *dupla hermenêutica*: convergências entre disciplinas científicas e profissões

3731 comunicação e relações públicas;
3731 direção gráfica;
3731 meios de informação;
3731 jornalismo;
3731 jornalismo e ciências da comunicação;
3731 jornalismo e ciências da informação coletiva;
3731 jornalismo e comunicação coletiva;
3731 jornalismo e comunicação social;
3731 propaganda;
3731 publicidade;
3731 publicidade e imagem;
3731 técnicas da comunicação;
3731 tecnologias da informação;
3732 relações públicas;
3732 relações públicas e técnicas de mercado;
3732 relações públicas e publicidade;
3739 “outros estudos em ciências da comunicação não classificados anteriormente”.